Artigo para publicação em: Escola Brasileira de Psicanálise Freudiana - EBPF

Estudos de Psicanálise | Limeira-SP | N. 69 | p. 12| outubro/2026

RESUMO: Este artigo investiga possíveis articulações entre experiências relacionais precoces, desamparo, vazio psíquico e dependência emocional na vida adulta. Parte-se da hipótese de que, em determinados casos, a dependência emocional pode funcionar como tentativa de evitar a experiência de desamparo e perda do objeto, reatualizando conflitos e modalidades de vínculo anteriores. Por meio de revisão narrativa e análise conceitual, articulam-se as contribuições de Freud, Ferenczi, Winnicott e Bowlby, com aproximações delimitadas a Klein, Kohut, Bion e Lacan. Examinam-se a angústia diante da perda, a repetição, os efeitos do desmentido, a sustentação ambiental, a capacidade de estar só e os modelos internos de apego, preservando as diferenças entre esses referenciais. Pesquisas contemporâneas sobre adversidades infantis e apego adulto e dados brasileiros e internacionais de solidão contextualizam a discussão, sem estabelecer equivalência entre esses fenômenos ou comprovar causalidade. Sustenta-se que a presença do outro pode assumir funções de regulação afetiva, reconhecimento e sustentação da continuidade pessoal. Conclui-se que a escuta psicanalítica deve investigar singularmente essas funções e favorecer vínculos mais flexíveis, nos quais a necessidade de cuidado possa coexistir com autonomia, reconhecimento dos próprios limites e elaboração das separações.

Palavras-chave: Desamparo; Dependência emocional; Experiências relacionais precoces; Vazio psíquico; Relações objetais; Apego.

Aprovado pelo comitê de ensino-pesquisa em: 15 de outubro de 2026

QUEM SOU EU QUANDO O OUTRO NÃO ESTÁ?

Desamparo, vazio e dependência emocional a partir das experiências relacionais precoces

Dra. Andreia Daluia

Publicado em: EBPF

28 de outubro de 2026

INTRODUÇÃO

A ausência de uma pessoa amada pode produzir saudade e insegurança, mas, para alguns sujeitos, ameaça a própria continuidade pessoal, como se o valor de si e a capacidade de desejar dependessem de uma presença permanentemente disponível. A pergunta “quem sou eu quando o outro não está?” situa-se no encontro entre a

necessidade humana de vínculo e a dificuldade de sustentar uma existência psíquica sem confirmação contínua de uma pessoa específica.

Neste estudo, dependência emocional designa configurações nas quais o medo de perder o vínculo restringe persistentemente a autonomia, a expressão dos desejos e os limites pessoais, envolvendo submissão, confirmação reiterada ou dificuldade de afastamento diante do sofrimento. A expressão é descritiva, não um diagnóstico uniforme nem equivalente de apego ansioso ou transtorno de personalidade dependente; necessidades de cuidado e proximidade não indicam, por si, adoecimento.

O problema de pesquisa consiste em perguntar como experiências de desamparo e falhas relacionais precoces podem participar da constituição de formas de dependência emocional na vida adulta. Trabalha-se com a hipótese de que, em determinados casos, essas formas de vínculo podem funcionar como tentativas psíquicas de evitar desamparo, vazio e perda do objeto, reatualizando conflitos e experiências anteriores; investigar essa possibilidade exige considerar tanto os processos inconscientes quanto as condições atuais do relacionamento, pois uma separação tem significados distintos conforme os recursos do sujeito, sua história e a realidade de suas redes de apoio.

O percurso privilegia Freud, Ferenczi, Winnicott e Bowlby, com contribuições de Klein, Kohut, Bion e Lacan. A articulação preserva as diferenças entre suas concepções de pulsão, ambiente, objeto interno, self, apego e linguagem, investigando suas contribuições à compreensão de vínculos que sustentam a experiência de continuidade pessoal.

METODOLOGIA

Trata-se de estudo teórico, qualitativo, desenvolvido por revisão narrativa e análise conceitual. A seleção intencional reuniu textos clássicos sobre desamparo, angústia, repetição, trauma, amadurecimento e apego, produções brasileiras e pesquisas contemporâneas. Foram consultadas, em outubro de 2026, páginas acadêmicas, periódicos disponíveis na SciELO e no PePSIC, registros do PubMed e publicações da Organização Mundial da Saúde.

As buscas combinaram desamparo, trauma relacional, dependência emocional, capacidade de estar só, apego adulto, childhood maltreatment, adult attachment e loneliness, privilegiando pertinência conceitual e identificação bibliográfica verificável. A revisão não é sistemática nem pretende exaustividade; os indicadores de solidão e apego apresentados não estimam a prevalência da dependência emocional.

A análise distinguiu proposições metapsicológicas, achados empíricos e inferências clínicas. Não houve coleta de dados com pacientes; o exemplo é hipotético. A tradução própria e a citação indireta da fonte de Ferenczi, mediante apud, são identificadas.

JUSTIFICATIVA

A relevância do tema decorre da necessidade de compreender relações nas quais a preservação do vínculo se torna acompanhada de renúncia reiterada à própria experiência. Expressões correntes como “falta de amor-próprio” podem reduzir o sofrimento a uma deficiência individual e obscurecer a função que a relação desempenha na economia psíquica; a investigação psicanalítica permite perguntar o que se tenta preservar, que perigo se busca evitar e por que certas separações são vividas como ameaças desproporcionais à situação presente.

Os dados contemporâneos conferem relevância social à discussão, embora não comprovem sua hipótese. A Organização Mundial da Saúde informa, em publicação de 2025, que aproximadamente 15,8% da população mundial relata solidão, proporção próxima de uma em cada seis pessoas (World Health Organization, 2025). No Brasil, Sandy Júnior, Borim e Neri (2023), utilizando dados de 2015 e 2016 do ELSI-Brasil, analisaram 7.957 participantes com 50 anos ou mais e encontraram prevalências de 16,8% para sempre sentir solidão e 31,7% para senti-la algumas vezes; trata-se de evidência nacional de uma faixa etária específica, anterior à pandemia, e não de uma estimativa de toda a população brasileira em 2026.

Solidão, isolamento social, vazio psíquico e dependência emocional são fenômenos distintos. Os dados contextualizam a importância das relações para a saúde, mas não demonstram os mecanismos inconscientes investigados nem permitem inferir histórias de negligência; relacionar esses níveis exige preservar a singularidade clínica.

OBJETIVO GERAL E ESPECÍFICOS

O objetivo geral é investigar, à luz da psicanálise freudiana e das teorias das relações objetais, possíveis articulações entre experiências relacionais precoces, desamparo, vazio psíquico e dependência emocional na vida adulta.

Como objetivos específicos, propõe-se: analisar o desamparo e a angústia de perda na obra freudiana; examinar o trauma e o desmentido em Ferenczi; discutir as contribuições de Winnicott para a dependência inicial e a capacidade de estar só; considerar a teoria do apego de Bowlby e pesquisas sobre adversidades infantis e apego adulto; articular, de maneira delimitada, contribuições de Klein, Kohut, Bion e Lacan; e apresentar implicações clínicas que favoreçam a compreensão do vínculo sem culpabilização dos cuidadores ou patologização das necessidades afetivas.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O ponto de partida freudiano impede que a dependência seja tomada, em si mesma, como falha. No Projeto para uma psicologia científica, escrito em 1895 e publicado postumamente, Freud descreve a impossibilidade de o bebê realizar sozinho a ação necessária à satisfação de suas necessidades, dependendo da intervenção de alguém que reconheça seu estado e modifique as condições externas; essa condição de desamparo introduz o outro na própria organização da experiência de satisfação, antecedendo qualquer ideal de autonomia (Freud, 1895). A vida psíquica constitui-se, portanto, em uma situação na qual a sobrevivência e a transformação da tensão dependem de auxílio externo.

Em Inibições, sintomas e ansiedade, Freud (1926) diferencia a situação traumática de desamparo da situação de perigo que a antecipa, compreendendo a angústia como sinal capaz de mobilizar defesas diante da possibilidade de perda. A ameaça de perder o objeto ou seu amor adquire importância porque pode anunciar o retorno de uma situação que o sujeito teme não conseguir dominar; aplicada ao problema deste artigo, essa formulação permite supor que a separação atual, em alguns casos, seja vivida não apenas como frustração amorosa, mas como risco de desorganização. Essa aplicação é uma hipótese clínica, não uma explicação que Freud tenha formulado para a categoria contemporânea de dependência emocional.

O objeto externo, pessoa efetiva com sua alteridade, distingue-se das representações e investimentos que organizam sua presença psíquica. A separação pode abalar expectativas de amparo e imagens de si; sua interpretação deve considerar também a conduta real do parceiro, perdas recentes e condições materiais, pois significado inconsciente e realidade do vínculo coexistem.

A repetição acrescenta uma dimensão decisiva a esse problema. Em 1914, Freud assinala: “Ele o reproduz não como lembrança, mas como ação; repete-o, sem, naturalmente, saber que o está repetindo” (Freud, 1914). O enunciado ajuda a compreender por que conhecer intelectualmente os próprios padrões nem sempre permite modificá-los: aquilo que permanece sem elaboração pode reaparecer nas relações como expectativa, escolha, atitude ou defesa, antes de adquirir uma formulação que o sujeito consiga reconhecer e trabalhar.

Uma leitura clínica possível é que a adesão a alguém emocionalmente indisponível mantenha em atividade uma expectativa antiga de obter, finalmente, reconhecimento e proteção. O sujeito pode tentar transformar o afastamento do outro em prova de que merece ser amado, fazendo da conquista de sua presença uma condição para sentir-se valioso; entretanto, não se deve atribuir à compulsão à repetição toda permanência em um vínculo doloroso, pois dependência econômica, ameaças, discriminação e ausência de suporte podem restringir escolhas de maneira concreta. A teoria amplia a compreensão quando permite investigar essas dimensões, e a empobrece quando funciona como explicação pronta.

Ferenczi desloca a investigação para a qualidade da resposta oferecida à criança diante do sofrimento. Em Confusão de línguas entre os adultos e a criança, a assimetria entre a linguagem infantil da ternura e as imposições adultas permite examinar formas de submissão e identificação com o agressor que se desenvolvem quando a criança não dispõe de meios suficientes para opor-se ao poder de quem deveria protegê-la (Ferenczi, 1933). Nesse contexto, a preservação do vínculo pode exigir um afastamento da própria percepção, tornando a adaptação ao outro uma estratégia de sobrevivência relacional.

O desmentido aprofunda essa situação ao retirar do sujeito o reconhecimento de sua experiência. Na discussão brasileira de Isotton e Donelli (2023), a recusa do adulto em acolher o sofrimento é examinada como elemento da traumatização, e a formulação ferencziana é sintetizada pelo trecho: “o pior é realmente a negação, a afirmação de que

não aconteceu nada, de que não houve sofrimento" (Ferenczi, 1931, p. 91 apud Isotton; Donelli, 2023). Não se trata apenas de ficar sem proteção, mas de ter enfraquecida a confiança naquilo que se percebe e sente.

Esse eixo permite construir uma articulação com certas formas adultas de dependência: quem aprendeu a duvidar de sua experiência pode recorrer à aprovação de outra pessoa para decidir se uma dor é legítima ou se um limite pode ser estabelecido. A busca por confirmação deixa de dizer respeito somente ao amor e passa a envolver a autorização para reconhecer a própria realidade; a elaboração aqui proposta é que, em determinados casos, o vínculo seja mantido como fonte externa de credibilidade, ainda que a mesma relação produza sofrimento. Essa possibilidade precisa ser investigada a partir do material de cada sujeito, não presumida pela simples existência de ciúme ou insegurança.

O pensamento de Winnicott oferece outra via ao relacionar amadurecimento e provisão ambiental. Em seu percurso da dependência absoluta para a relativa e em direção à independência, o cuidado suficientemente bom favorece a integração e a continuidade de ser, sem exigir uma adaptação perfeita ou permanente do ambiente (Winnicott, 1965). As falhas que acompanham o amadurecimento podem ser toleradas quando ocorrem em condições compatíveis com os recursos da criança; o problema não é a existência de qualquer frustração, mas o desencontro entre a intensidade das exigências e a capacidade disponível para atravessá-las.

No ensaio A capacidade de estar só, Winnicott (1958) apresenta o paradoxo segundo o qual essa capacidade se desenvolve a partir da experiência de estar só na presença de alguém confiável. Uma presença que não invade permite ao bebê experimentar seus próprios estados sem ter de reagir incessantemente às demandas externas; com o amadurecimento, a sustentação antes oferecida pelo ambiente pode participar da possibilidade de permanecer consigo mesmo. Dessa perspectiva, estar só não significa ausência de relação, mas uma modalidade de experiência apoiada em vínculos que não precisam ser continuamente comprovados no exterior.

A noção de falso Self também contribui para pensar situações em que a adaptação ao desejo alheio predomina sobre o gesto espontâneo. Winnicott (1965) descreve organizações defensivas que protegem aspectos do Self por meio da submissão às exigências ambientais; transposta com cautela ao campo aqui discutido, essa ideia permite perguntar se a obediência ao parceiro preserva uma identidade

apoiada sobretudo em corresponder ao que se espera. A pergunta “quem sou eu?” torna-se particularmente difícil quando discordar parece colocar em risco tanto o vínculo quanto a forma disponível de reconhecer-se.

Falso Self e dependência emocional não são equivalentes. A contribuição winnicottiana permite investigar espontaneidade e continuidade pessoal na ausência de confirmações constantes, considerando a função de cuidado para além da mãe biológica e as condições sociais que favorecem ou restringem a disponibilidade dos cuidadores.

Bowlby introduz uma perspectiva distinta ao formular o apego como sistema comportamental orientado à proteção e à manutenção de proximidade em situações de ameaça. As experiências com figuras de cuidado participam da construção de modelos internos de funcionamento acerca da disponibilidade dos outros e da possibilidade de receber auxílio, enquanto uma base segura favorece tanto a busca de proteção quanto a exploração do ambiente (Bowlby, 1982, 1988). A autonomia, nessa perspectiva, não decorre da eliminação do apego, mas da confiança de que o apoio pode ser encontrado quando necessário.

A contribuição de Bowlby aproxima-se de algumas questões formuladas pelas relações objetais, mas seus conceitos não são equivalentes aos de objeto interno ou fantasia inconsciente. Cassidy, Jones e Shaver (2013) destacam que a insegurança de apego não constitui, por si só, psicopatologia e que seus desdobramentos dependem da interação entre experiências anteriores e contextos posteriores; por isso, uma configuração infantil não permite prever de modo fechado o funcionamento adulto. A possibilidade de mudança deve integrar a explicação, em vez de aparecer apenas como ressalva ao final dela.

Li et al. (2026) reuniram 211 estudos, com 228 amostras e 82.376 participantes, encontrando associações entre maus-tratos infantis e ansiedade de apego, com r = 0,23, e evitação, com r = 0,20. A magnitude modesta dessas associações é compatível com múltiplas trajetórias; os resultados não comprovam a hipótese metapsicológica nem uma origem universal da dependência emocional em maus-tratos, que podem associar-se tanto à intensificação da proximidade quanto ao afastamento defensivo.

O diálogo com as neurociências exige igual precisão. A discussão de Cassidy, Jones e Shaver (2013) inclui pesquisas sobre regulação fisiológica e respostas à

ameaça nas relações de apego, permitindo considerar que experiências de apoio envolvem processos corporais além das representações conscientes; essa aproximação não transforma conceitos como desamparo ou vazio em marcadores cerebrais, nem comprova uma correspondência direta entre organização inconsciente e circuito neural. Sua contribuição é lembrar que a segurança relacional participa de processos de regulação em diferentes níveis, mantendo abertas as questões sobre mecanismos e mudança.

Klein acrescenta a investigação da vida interna e da ambivalência. Em Notas sobre alguns mecanismos esquizoides, a cisão e a identificação projetiva ajudam a pensar formas de administrar angústias intensas na relação com objetos sentidos como bons ou ameaçadores (Klein, 1946); no campo do presente artigo, uma aplicação possível é examinar oscilações entre idealização e desvalorização do parceiro, quando uma pessoa é investida como fonte exclusiva de segurança e suas frustrações passam a ser vividas como ameaça. Essa hipótese não autoriza diagnosticar uma organização específica apenas a partir de reações a uma separação.

Kohut (1977), por sua vez, situa a importância das experiências de Selfobjeto para a coesão do Self. A necessidade de reconhecimento não desaparece na vida adulta e pode encontrar formas maduras de reciprocidade; a questão clínica surge quando uma pessoa específica concentra de maneira rígida funções de sustentação do valor pessoal. Nessa leitura, o afastamento pode comprometer a experiência de coesão, levando o sujeito a buscar confirmação urgente; trata-se de uma contribuição da psicologia do Self, que não deve ser reduzida à concepção kleiniana de objeto ou incorporada sem distinção à metapsicologia freudiana.

Em Bion (1962), a função alfa e a relação continente-contido permitem examinar a transformação da experiência emocional em algo que possa ser pensado. A rêverie do cuidador participa do modelo de acolhimento e transformação de estados que ainda não encontram elaboração suficiente; como hipótese de leitura, certas demandas repetidas de presença podem expressar a dificuldade de suportar e simbolizar afetos na ausência de quem habitualmente ajuda a regulá-los. Nesses casos, o trabalho clínico precisa favorecer a possibilidade de sentir e pensar a separação, em vez de exigir uma compreensão intelectual para a qual o sujeito ainda não dispõe de sustentação.

Lacan (1977) introduz uma advertência acerca da demanda e do desejo: a confirmação amorosa não pode garantir de maneira definitiva o lugar do sujeito no

campo do Outro. A insistência em obter provas que eliminem toda incerteza pode renovar a demanda sem produzir a segurança esperada; nesse registro, o vazio não equivale automaticamente a uma falta de cuidado infantil, e a dimensão constitutiva da falta não se confunde com a experiência clínica de desorganização. Preservar essa distinção permite considerar que nenhum parceiro pode oferecer uma garantia absoluta de identidade, sem minimizar os efeitos de falhas reais de proteção.

Essas contribuições sustentam uma síntese interpretativa: experiências precoces podem participar de condições em que a ausência é percebida como perigo, afetos encontram recursos limitados de elaboração e a presença de uma pessoa específica se torna indispensável à sustentação subjetiva. A submissão pode então funcionar como tentativa de preservar o vínculo, enquanto a confirmação obtida produz alívio passageiro e favorece novas demandas; essa sequência não descreve todos os casos, mas explicita um mecanismo possível que precisa ser confrontado com a história, os recursos e as condições atuais do sujeito.

Considere-se, como exemplo hipotético, um adulto que interpreta algumas horas sem resposta do parceiro como evidência de que perdeu seu valor e passa a enviar mensagens sucessivas, abandonando atividades e interesses próprios. A situação permite investigar se o silêncio é vivido como frustração, rejeição ou ameaça à continuidade pessoal, bem como verificar se há, efetivamente, punição pelo silêncio ou outra forma de controle na relação; a escuta clínica não pode presumir que tudo decorra de fantasia, tampouco concluir, sem investigação, que toda ansiedade corresponda a violência atual.

No tratamento, a transferência pode tornar perceptíveis expectativas de disponibilidade absoluta, medo das interrupções e esforço para agradar ao analista. Retomando Freud (1914), a repetição precisa ser trabalhada ao longo do processo, de modo que o sujeito possa reconhecer sua participação nas cenas relacionais e construir outras possibilidades; interpretá-la precipitadamente como mera resistência pode intensificar a experiência de não ser compreendido. A regularidade do enquadre e a escuta ajudam a oferecer condições para elaboração, enquanto a interpretação deve considerar o momento e a capacidade de utilizar aquilo que é comunicado.

Ferenczi, Winnicott e Bion permitem enfatizar a responsabilidade do analista pela qualidade desse encontro, sem justificar promessas de disponibilidade ilimitada ou relações de exclusividade. O reconhecimento do sofrimento deve coexistir com limites

claros, discutidos e sustentados, de maneira que a relação analítica favoreça a ampliação dos recursos do paciente; quando necessário, a avaliação de sintomas, riscos e condições de vida pode indicar cuidado interdisciplinar e fortalecimento das redes de proteção. Em relações marcadas por coerção ou violência, compreender conflitos inconscientes não substitui medidas de segurança nem atribui à vítima responsabilidade pela agressão.

O horizonte clínico é ampliar a possibilidade de desejar, discordar, pedir ajuda e suportar separações sem que cada ausência seja experimentada como colapso. Essa transformação não pode ser medida apenas pela quantidade de contatos com o parceiro, pois uma redução de mensagens pode resultar tanto de maior segurança quanto de isolamento defensivo; importa investigar a qualidade da experiência, a preservação dos interesses e a liberdade de estabelecer vínculos. A autonomia que interessa à clínica inclui a capacidade de depender de modo flexível, sem entregar a uma única relação a autorização para sentir, pensar e existir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida sustenta a plausibilidade teórica da hipótese de que, em determinados casos, a dependência emocional possa funcionar como defesa contra desamparo, vazio e perda do objeto. Freud permite examinar a angústia diante do perigo de perda e a atualização de conflitos pela repetição; Ferenczi evidencia os efeitos da violência e da desautorização da experiência; Winnicott ilumina a sustentação ambiental e a capacidade de estar só; e Bowlby oferece um modelo de segurança relacional cuja investigação empírica ajuda a delimitar continuidades e possibilidades de mudança.

As contribuições complementares preservam suas diferenças: Klein aborda a vida objetal, Kohut a coesão do Self, Bion a elaboração emocional e Lacan a busca de garantia no Outro. Seu diálogo permite investigar as funções que a presença alheia desempenha e aquilo que a ausência ameaça em cada história.

A revisão narrativa não demonstra causalidade nem valida uma categoria diagnóstica. As associações entre adversidades e apego exigem investigações longitudinais, definições precisas e consideração dos fatores de proteção, enquanto os

dados de solidão descrevem outro fenômeno. Condições econômicas, culturais e relacionais também interferem nas possibilidades de escolha.

Responder à pergunta “quem sou eu quando o outro não está?” implica construir uma relação consigo mesmo que permaneça acessível durante a ausência. O cuidado psicanalítico favorece vínculos nos quais proximidade e separação possam ser vividas com maior liberdade, permitindo precisar de alguém sem abdicar da própria experiência e dos limites pessoais.

REFERÊNCIAS

BION, Wilfred R. Learning from experience. London: Heinemann, 1962.

BOWLBY, John. Attachment and loss: attachment. 2. ed. New York: Basic Books, 1982. v. 1. Publicação original: 1969.

BOWLBY, John. A secure base: parent-child attachment and healthy human development. New York: Basic Books, 1988.

CASSIDY, Jude; JONES, Jason D.; SHAVER, Phillip R. Contributions of attachment theory and research: a framework for future research, translation, and policy. Development and Psychopathology, v. 25, n. 4, pt. 2, p. 1415-1434, 2013.

FERENCZI, Sándor. Confusion of tongues between the adults and the child: the language of tenderness and of passion. International Journal of Psycho-Analysis, v. 30, p. 225-230, 1949. Publicação original: 1933.

FREUD, Sigmund. Remembering, repeating and working-through. In: FREUD, Sigmund. The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud. Tradução e organização de James Strachey. London: Hogarth Press, 1958. v. 12, p. 145-156. Publicação original: 1914.

FREUD, Sigmund. Inhibitions, symptoms and anxiety. In: FREUD, Sigmund. The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud. Tradução e organização de James Strachey. London: Hogarth Press, 1959. v. 20, p. 75-175. Publicação original: 1926.

FREUD, Sigmund. Project for a scientific psychology. In: FREUD, Sigmund. The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud. Tradução e organização de James Strachey. London: Hogarth Press, 1966. v. 1, p. 281-397. Escrito em 1895; publicação original: 1950.

ISOTTON, Rogério; DONELLI, Tagma Marina Schneider. Considerações sobre a teoria do trauma em Freud e Ferenczi. Estudos de Psicanálise, Belo Horizonte, n. 60, p. 147-158, 2023.

KLEIN, Melanie. Notes on some schizoid mechanisms. International Journal of Psycho-Analysis, v. 27, p. 99-110, 1946.

KOHUT, Heinz. The restoration of the self. New York: International Universities Press, 1977.

LACAN, Jacques. The four fundamental concepts of psycho-analysis. Organização de Jacques-Alain Miller. Tradução de Alan Sheridan. London: Hogarth Press, 1977. The seminar of Jacques Lacan, book 11. Seminário proferido em 1964.

LI, Song et al. Childhood maltreatment and adult attachment: a three-level meta-analytic review. Trauma, Violence, & Abuse, publicação antecipada online, 28 jun. 2026.

SANDY JÚNIOR, Paulo Afonso; BORIM, Flávia Silva Arbex; NERI, Anita Liberalesso. Solidão e sua associação com indicadores sociodemográficos e de saúde em adultos e idosos brasileiros: ELSI-Brasil. Cadernos de Saúde Pública, v. 39, n. 7, e00213222, 2023.

WINNICOTT, Donald W. The capacity to be alone. International Journal of Psycho-Analysis, v. 39, p. 416-420, 1958.

WINNICOTT, Donald W. The maturational processes and the facilitating environment: studies in the theory of emotional development. London: Hogarth Press, 1965.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Social connection. Geneva: WHO, 30 jun. 2025. Disponível em: https://www.who.int/news-room/questions-and-answers/item/social-connection. Acesso em: 5 out. 2026.

SOBRE A AUTORA:

Esp. Andreia Daluia é Psicanalista Clínica e Infantil. Especialista em Análise e Interpretação do Desenho – Testes Projetivos e Sandplay Thérapy – Psicologia Analítica. Supervisora em Análise e Interpretação do Desenho. Bacharelada em Terapia Integrativas e complementares. Docente e coordenadora de estágios da Escola Brasileira de Psicanálise Freudiana e Co-autora dos livros: Análise e Interpretação dos desenhos: Utilização dos testes projetivos nas clínicas psicopedagógica e psicanalítica publicado em 2023 pela WAK e também Entre Luz e Sobra: Uma aventura psicanalítica pela essência interior publicado em 2026 pela Wak editora.

ENDEREÇO POR CORRESPONDÊNCIA:

Rua: Rio Potengi, 510 – Orestes Hungaro – Hortolândia-SP
Cep: 13.183-713
E-mail: andreiadaluia70@gmail.com